Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v. 47, p. 175-196, 2015

Patrimônio é o caminho das formigas

Mario Chagas*

Recebido em 17/08/2015
Aprovado em 22/10/2015

Resumo

O presente texto examina, com atenção, um conceito de patrimônio construído coletivamente, em 2013, pelos participantes do Programa Jovens Agentes do Patrimônio, vinculados ao Museu Vivo de São Bento. Trata-se de um grupo de jovens entre 12 e 20 anos, oriundos de comunidades populares e moradores da região do Grande São Bento, no município de Duque de Caxias (RJ).

Todos também são estudantes de escolas públicas e desenvolveram parcerias criativas com os professores e educadores do Museu. O conceito criado pelos jovens tensiona o entendimento de patrimônio e, por isso mesmo, merece toda atenção. A partir desse conceito criativo, pedagógico, poético e político, é possível abrir novas possibilidades para pensar o patrimônio cultural no Brasil e no mundo, levando em consideração temas como formiga, botão, tristeza, comunidade, conversa, amizade, vergonha, cotidiano, além de muitos outros.

Palavras-chave

Patrimônio. Memória. Museu. Museologia Social. Museu Vivo de São Bento. Duque de Caxias.

A língua é patrimônio, a linguagem é patrimônio e a palavra também é patrimônio.[1] A palavra patrimônio arquiva camadas e camadas de sentido e conserva, em cada uma de suas camadas, múltiplas linhas de conexão. Seria possível investigá-la em perspectiva transversal e pesquisar os seus movimentos no tempo e no espaço, mas não é esse o caminho que será trilhado. A empreitada que se delineia é menos ambiciosa, mas não menos desafiante; como, logo adiante, será possível constatar.

A palavra patrimônio é patrimônio[2], não é necessário muito esforço para alcançar este entendimento. Da mesma forma, também não é preciso nenhuma capacidade especial para compreender que a palavra patrimônio é um substantivo abstrato que se aplica aos bens materiais e imateriais, móveis e imóveis.

Os substantivos concretos são aqueles que se referem a algo que se pode tocar, que se pode conferir, uma imagem comum, ainda que com determinadas variações: cadeira, cama, mesa, parafuso, alicate, formiga, livro, lápis, garfo, faca. Os substantivos abstratos são aqueles que se referem a algo imaginário, cognitivo, afetivo, a algo que não se pode tocar e em torno de que não se pode fazer uma única imagem representativa: alegria, tristeza, agonia, vergonha, beleza, felicidade, vida, morte, amor, amizade, comunidade.

Síntese provisória: a palavra patrimônio é um substantivo abstrato, portanto, designa algo que não se pega, que não se toca e sobre o que não se pode fazer uma imagem representativa única. Mesmo quando se fala em patrimônio material, em patrimônio tangível, o que está em pauta não é a

---

* Museólogo. Doutor em Ciências Sociais pela UERJ. Professor da Unirio e Assessor Técnico do Museu da República (Minc/Ibram).

materialidade ou a tangibilidade, mas sim o sentido, o significado, o valor atribuído. Do ponto de vista filológico, a palavra patrimônio deriva do vocábulo "patrimonium", oriundo do latim, com o sentido de "herança paterna", ou de "bens familiares" transmitidos de pais e mães para filhos e filhas.

Transmissão: eis um conceito-chave vinculado à noção de patrimônio. Tradicionalmente, pensa-se o patrimônio como alguma coisa que se transmite diacronicamente, de um tempo para outro tempo, de uma geração para outra geração. Nesse sentido, o patrimônio é apenas transmissivo. No entanto, não se pode pensar a transmissão sem a noção de recepção. Sem recepção, o patrimônio não se constitui como tal.

Recepção: eis outro conceito-chave vinculado à noção de patrimônio. Não basta transmitir (voluntária ou involuntariamente), é preciso que alguém receba (voluntária ou involuntariamente). Todo e qualquer patrimônio só se constitui quando se estabelecem vínculos entre o transmitir e o receber, sabendo que receber implica o compromisso de uma nova transmissão. Dar, receber e retribuir. A teoria da dádiva de Marcel Mauss é uma importante chave para a compreensão do patrimônio, em perspectiva crítica. O seu *Ensaio sobre a Dádiva*[3] continua sendo inspirador. Como indica Paulo Henrique Martins:

> A dádiva está presente em todas as partes e não diz respeito apenas a momentos isolados e descontínuos da realidade. O que circula tem vários nomes: chama-se dinheiro, carro, móveis, roupas, mas também sorrisos, gentilezas, palavras, hospitalidades, presentes, serviços gratuitos, dentre muitos outros. Para Mauss, aquilo que circula influi decisivamente sobre como se formam os atores e como se definem seus lugares em sociedade.[4]

A memória, o patrimônio (material e imaterial), o monumento, o documento, as manifestações e os bens culturais, musealizados ou não musealizados, também fazem parte do universo do que circula, daquilo que se doa, que se recebe e que se retribui por meio de uma nova transmissão.

Tradicionalmente, a transmissão e a recepção do patrimônio são pensadas e tratadas em perspectiva diacrônica, como herança que se transmite do passado para o presente, ou do presente para o futuro. Mesmo quando se critica a dominância patriarcal na noção do patrimônio e se argumenta a

favor da hipótese de uma herança materna, que atribui um novo sentido à palavra matrimônio, mesmo aí prevalece a perspectiva diacrônica.

Essa perspectiva, como indicou Waldisa Russio,[5] não esgota as possibilidades de trabalho com o patrimônio. É possível considerá-lo, também, em perspectiva sincrônica. Há uma herança que se transmite e se recebe na contemporaneidade, talvez pudéssemos, de modo poético, denominá-la de fratrimônio. Já não se trata de uma herança materna ou paterna, mas de alguma coisa partilhada entre os contemporâneos, entre os amigos e irmãos, entre os membros de uma mesma comunidade.

A perspectiva sincrônica é fundamental para o desenvolvimento de novas práticas e novas abordagens conceituais no campo do patrimônio. É essa perspectiva sincrônica que identifico no conceito coletivo construído, em 2013, pelos participantes do *Programa Jovens Agentes do Patrimônio*, desenvolvido pelo *Museu Vivo do São Bento* e pelo *Centro de Referência Patrimonial e Histórico* do município de Duque de Caxias.

O *Programa* criado em 2009, foi coordenado, ao longo dos últimos seis anos, pelas professoras Aurelina de Jesus Cruz Carias, Flávia Andreia Paes Leite e Risonete Martiniano de Nogueira; todas vinculadas ao *Museu Vivo de São Bento*.

Ao longo desses anos, participaram do *Programa* mais ou menos 60 jovens, entre 12 e 20 anos, oriundos de comunidades populares, residentes nas cercanias do Museu, regularmente matriculados em escolas públicas da região denominada Grande São Bento, em Duque de Caxias. A decisão de vontade do jovem e o preenchimento de uma ficha de inscrição constituem os principais critérios exigidos para a sua participação no *Programa*, mesmo a faixa etária e o local de residência podem ter flutuações.

Eis o conceito criado pelos *Jovens*[6] *Agentes do Patrimônio*:

> Patrimônio é o caminho das formigas, os botões que a Jaqueline achou enterrados, é a tristeza e é a morte, é a comunidade. Todas as coisas ao nosso redor são patrimônio: o que é importante e o que parece não ser importante, a conversa com a amiga, o dia-a-dia, as pessoas, a vergonha. É um patrimônio saber que a gente é uma comunidade... .[7]

O texto que aqui se oferece propõe-se a examinar o conceito coletivamente construído e, para isso, será dividido em seis partes ou fragmentos, em correspondência com as ideias-chave do referido conceito.

I - Patrimônio é o caminho das formigas

O *Museu Vivo do São Bento* foi lançado em abril de 2008 como um museu de percurso e também foi reconhecido como um museu de território e um ecomuseu do município de Duque de Caxias. O seu projeto resultou do acúmulo de reflexões e experiências desenvolvidas por um coletivo de professores com atuação na rede estadual e municipal de ensino.

Pouco menos de sete meses após o seu lançamento, o *Museu Vivo do São Bento* foi institucionalizado no âmbito da Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias, por intermédio da Lei Municipal nº 2224, de 03 de novembro de 2008. Na ocasião, ele foi reconhecido como "um complexo museológico", cujo percurso contava com dez referências, tombadas pela mesma lei, como lugares de memória e edificações patrimoniais:

> I - Portal Inicial do percurso do Museu Vivo do São Bento - prédio colonial existente nas dependências da FEUDUC, adaptado como Casa do Administrador do Núcleo Colonial São Bento;
>
> II - Igreja Nossa Senhora do Rosário e Casarão Beneditino - sede da antiga Fazenda São Bento, tombados como Patrimônio Nacional pelo IPHAN;
>
> III - Antiga Tulha da Fazenda São Bento e do Núcleo Colonial - edificação destinada a instalação do Espaço Cultural de Agregação Popular;
>
> IV - Prédio da Fazenda São Bento, adaptado como Tulha, Posto Médico do Núcleo Colonial e Abrigo para Menores - recentemente destinado a abrigar um espaço museal da História e da Educação da Cidade de Duque de Caxias;
>
> V - Prédio da Fazenda do São Bento, adaptado como Escola Agrícola Nísia Vilela, escola do Núcleo Colonial - destinado como sede do Centro de Referência Patrimonial e Histórico do Município de Duque de Caxias e do Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias e Baixada Fluminense, e como Arquivo Público Municipal;
>
> VI - Casa do Colono - casa de colono do núcleo, que guarda os modos viventes do trabalhador rural no pós-30, destinada à instalação de um espaço museológico

que restitui o ambiente interno da vida cotidiana do colono;

VII - Sambaqui do São Bento - sítio arqueológico que guarda os vestígios das ocupações humanas pré-cabralinas[8] nas cercanias da Guanabara, destinado à instalação do Museu dos Povos das Conchas;

VIII - Casarão do Centro Pan-americano de Febre Aftosa, instituído no território do Grande São Bento, na segunda Era Vargas;

IX - Elevação conhecida como Morro da Escadaria ou da Marinha - destinada como mirante do Grande São Bento e como espaço de reserva ambiental;

X - Novo São Bento - ocupação organizada pelo movimento social no início dos anos 90, espaço privilegiado para as ações de educação patrimonial e cultural.[9]

A vida e a dinâmica do percurso, no entanto, não residiam (e não residem) na concretude do decálogo que compunha os seus principais pontos de referência, mas sim na atuação e no protagonismo dos professores e dos estudantes, nas narrativas orais que alinhavavam tempos, espaços, pessoas, memórias e histórias. O processo de institucionalização estabeleceu, para o museu, as seguintes finalidades:

I - Fortalecer o movimento de defesa do patrimônio material e imaterial do território do Grande São Bento;

II - Afirmar o território caxiense como um lugar de Memória e de História;

III - Assegurar a importância dos sujeitos históricos que aqui viveram e vivem, como atores sociais construtores do seu tempo;

IV - Investigar as heranças herdadas, pensando a cidade na longa duração, permitindo assim a projeção do que queremos para a mesma.

V - Assegurar a construção de sentimentos de pertencimento e coletividade.[10]

Desde sua criação até a atualidade, o museu vem desenvolvendo ações de mapeamento, identificação, pesquisa e proteção do patrimônio cultural de Duque de Caxias e, por esse caminho, vem produzindo impactos notáveis para o melhor conhecimento da história local e para a preservação do patrimônio

cultural. É nesse contexto que – aos trancos e barrancos e com muita coragem para enfrentar os desmandos e as violências do poder instituído, com muita energia e apoio solidário para superar as tentativas de apagar e silenciar os projetos de educação libertária, com imaginação criadora para resistir e continuar produzindo novas possibilidades de futuro – desenvolvem-se os planos, programas e projetos do *Museu Vivo do São Bento*, entre os quais destaca-se o *Programa Jovens Agentes do Patrimônio*.

Esse *Programa*, criado em 2009, compreende que a patrimonialização é um campo de disputa pela ocupação do passado, do presente e do futuro; logo, tem papel estratégico na formação educacional e cultural das novas gerações. Além disso, para o *Programa*, a patrimonialização tem caráter processual, não sendo suficiente, portanto, no que tange à preservação, o estabelecimento de uma lista oficial definidora do que é ou não é patrimônio. É preciso ir além, é preciso construir conceitos coletivos e, a partir deles, desenvolver ações coletivas e participativas de defesa, proteção e preservação da herança cultural.

O conceito coletivo que me proponho a examinar foi construído pelos *Jovens Agentes do Patrimônio* e inicia-se, como foi visto, com a afirmação: "Patrimônio é o caminho das formigas (...)."

Há, nessa afirmação, uma dimensão poética que não deve ser desconsiderada. Tudo indica que os jovens andam lagarteando nas deslições de Manuel de Barros, que diz: "É no ínfimo que eu vejo a exuberância".[11] Como o poeta, eles se interessam por formigas, pelos "caminhos das formigas" e consideram que esse caminho é patrimônio. Essa perspectiva propicia intuições e inspirações. O "caminho das formigas" é natural e cultural ao mesmo tempo. Ainda que produzido pela natureza das formigas, ao ser designado como caminho, o "caminho das formigas" atravessa o universo da cultura e da linguagem. Além disso, o "caminho das formigas" interfere na paisagem e produz uma espécie de micropaisagem, o que exige um olhar atento. A paisagem percebida, do ponto de vista macro ou micro, é natureza e cultura em diálogo.

"Patrimônio é o caminho das formigas (...)." Não é difícil perceber a conexão entre as palavras "caminho" e "percurso". O Museu Vivo do São Bento se organiza em torno de um caminho que articula patrimônio material e imaterial, cultura e natureza, trabalho e lazer, festa e cotidiano, casa e rua,

identidade e diferença, história e memória, antiguidade e contemporaneidade. É possível também ler, nessa afirmação, a indicação de que é necessário ser perseverante, persistente, militante, guerreiro; para construir caminhos.

De qualquer modo, o "caminho das formigas" se impõe. É preciso olhar com atenção para aquilo que frequentemente é desprezado, desconsiderado e tratado como algo sem serventia. Aliás, trabalhar com memórias, museus e patrimônios é, em boa medida, lidar com inutensílios[12] e neles há um mundo a ser descoberto. Ao chamar a atenção para o "caminho das formigas", os jovens denunciam a contaminação do desejo e do discurso do progresso industrial, que coloca em risco o ambiente (a vida), e subsidiam a crítica contra os discursos e práticas dos "museus imperiais".[13] Tudo indica que os *Jovens Agentes do Patrimônio* concordam com o poeta Manuel de Barros[14], que se interessa por moscas, passarinhos, musgos, formigas e, por isso mesmo, diz: "Aliás, o cu de uma formiga é também muito mais importante do que uma Usina Nuclear".[15]

II. Os botões que a Jaqueline[16] achou enterrados

Uma das importantes referências no percurso do *Museu Vivo* é o sítio arqueológico, descoberto (ou redescoberto) em 2002, pela estudante Marcele Mandarino, do *Curso de História da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras* de Duque de Caxias (Feuduc), hoje conhecido como *Sambaqui do São Bento*. A palavra sambaqui, de origem tupi, significa "amontoado de conchas", "concheiro". Trata-se, a rigor, de um sítio que guarda vestígios de ocupações humanas, com datação aproximada de 5000 anos. A luta pela preservação do Sambaqui mobilizou professores, estudantes e a comunidade da região. Nielson Bezerra, professor e um dos diretores do Museu Vivo, em entrevista concedida à jornalista Shirley Costa e Silva, publicada em 06 de agosto de 2012, esclareceu que o terreno onde foi descoberto o Sambaqui era propriedade particular de um trabalhador com poucos recursos econômicos que, por dificuldades financeiras, havia colocado o terreno à venda. Na ocasião, professores e estudantes promoveram "uma campanha na rede estadual e municipal de ensino, chamada *SOS Sambaqui*, para arrecadar dinheiro para a compra do lote",[17] o que, afinal, se efetivou pelo preço de 11 mil reais.[18] Por mais óbvio que pareça, não é demais registrar que o patrimônio que ali se encontra, do ponto de vista dos valores comunitários, é inestimável.

As escavações científicas, iniciadas em 2010, e o processo de identificação, proteção e preservação participativa do sítio, foram decisivos para que ele fosse transformado num *Sítio Escola*, contando, inclusive, com a participação do *Programa Jovens Agentes do Patrimônio*.

A narrativa da luta pela preservação e uso educacional do *Sambaqui do São Bento* é, em meu entendimento, importante para contextualizar a indicação de que "os botões que a Jaqueline achou enterrados", à semelhança das conchas, dos ossos, dos restos líticos, dos enfeites e adereços, dos sobejos de cerâmica e de urnas funerárias encontradas no *Sítio Escola*, também são patrimônio. O paralelo entre a história da Jaqueline e a da estudante Marcele Mandarino não é obra do acaso; elas são descobridoras de patrimônios enterrados, são arquétipos de pesquisadoras, de cientistas sociais e humanas, de antropólogas, arqueólogas, historiadoras, museólogas e sociólogas.

O interesse dos *Jovens Agentes do Patrimônio* pelo desenterramento e pela produção de novos patrimônios sugere que eles estão prontos para exumar o passado, para reler e reescrever o passado. As ideias desses jovens parecem conviver muito bem com as sugestões de Walter Benjamin, que diz: "Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo".[19]

Os achados da Jaqueline e a sua prática de desenterrar nos remetem também ao poema de Carlos Drummond de Andrade, denominado *Coleção de Cacos*, incluído em seu livro *Esquecer para lembrar (Boi Tempo – III)*.

Eis poema:

> Já não coleciono selos. O mundo me inquizila.
> Tem países demais, geografias demais.
> Desisto.
> Nunca chegaria a ter um álbum igual ao do Dr. Grisolia,
> orgulho da cidade.
> E toda gente coleciona
> os mesmos pedacinhos de papel.
> Agora coleciono cacos de louça
> quebrada há muito tempo.
> Cacos novos não servem.
> Brancos também não.

Têm de ser coloridos e vetustos,
desenterrados - faço questão – da horta.
Guardo uma fortuna em rosinhas estilhaçadas,
restos de flores não conhecidas.
Tão pouco: só o roxo não delineado,
o carmezim absoluto,
o verde não sabendo
a que xícara serviu.
Mas eu refaço a flor por sua cor,
e é só minha tal flor, se a cor é minha
no caco de tigela.
O caco vem da terra como fruto
a me aguardar, segredo
que morta cozinheira ali depôs
para que um dia eu o desvendasse.
Lavrar, lavrar com mãos impacientes
um ouro desprezado
por todos da família. Bichos pequeninos
fogem de revolvido lar subterrâneo.
Vidros agressivos
ferem os dedos, preço
de descobrimento:
a coleção e seu sinal de sangue;
a coleção e seu risco de tétano;
a coleção que nenhum outro imita.
Escondo-a de José, por que não ria
nem jogue fora esse museu de sonho.[20]

Depois de desistir da ideia de uma coleção de selos, o poeta (o eu lírico) decide colecionar "cacos de louça / quebrada há muito tempo." O poeta é exigente com sua coleção: nela não cabem "cacos novos", nem cacos brancos. Os cacos da coleção precisam ser "coloridos e vetustos, desenterrados" – o poeta faz questão – "da horta". Ele idealiza uma coleção lavrada com "mãos impacientes", ele parece reconhecer o valor desse "ouro desprezado por todos da família" e dessa coleção que traz um "sinal de sangue", um "risco

de tétano", mas também traz um gesto humano singular e guarda muitas possibilidades de sonho.

Assim como os cacos (fragmentos de patrimônio) desenterrados pelo poeta compõem um "museu de sonho"; também os botões desenterrados por Jaqueline são transformados em delicada herança. Esses botões, aparentemente tão insignificantes, abrem um mundo novo de sentidos e agenciamentos. Concentrar o pensamento nos botões propicia a conexão com a crônica de Mario de Andrade, intitulada *Sociologia do Botão*[21], e também com o *Museu do Botão*, idealizado e movimentado por Hélio Leite,[22] artista contemporâneo, performático e fora dos cânones convencionais.

III. É a tristeza e é a morte, é a comunidade.

O núcleo deste ensaio é o conceito de patrimônio construído coletivamente no âmbito do *Programa Jovens Agentes do Patrimônio*. Essa lembrança é importante, especialmente neste ponto em que o termo patrimônio é associado à tristeza, à morte, à comunidade.

A noção de patrimônio desses jovens decorre da experiência, da lida cotidiana com a vida. A experiência da tristeza ao longo dos tempos - a tristeza que abala, que exalta, que contamina e que também propicia a criação – constitui, inequivocamente, um patrimônio, compreendido como alguma coisa que afeta e transforma, alguma coisa passível de ser transmitida e recebida. Assim também, a experiência com a morte, a convivência com o "anjo da morte" – que frequenta, com assiduidade, os bairros populares, as ruas, as casas, as escolas, as fábricas, os templos, os campos e as cidades – constitui um poderoso patrimônio que afeta, que pode ensinar e que pode ser transmitido e recebido.

A convivência assídua com o "anjo da morte" não revela, no entanto, o seu segredo. O "anjo", como diz Giorgio Agamben, "é a linguagem", é apenas o anunciador da morte. "O anjo não tem culpa disso, e só quem compreende a inocência da linguagem entende também o verdadeiro sentido desse anúncio e pode, eventualmente, aprender a morrer".[23]

No Sambaqui de São Bento, a morte também está presente e o "anjo", depois de ter anunciado, há mais de cinco mil anos, a morte de um homem e de uma criança, retorna (como um arqueólogo ou um *arque-angelus*) para dizer que, nesse território, a morte não é um fenômeno novo e a prova está

ali, nas ossadas encontradas e na identificação de diferentes práticas de sepultamento. Por mais antigos que sejam os ossos encontrados no Sambaqui, eles existem na concretude do aqui e agora e dialogam com as tristezas e as mortes contemporâneas e continuam provocando reflexões, emoções, sensações e intuições. As cidades de Pompeia e Herculano, na atual Itália, destruídas no ano 79 pelo vulcão Vesúvio, também são bons exemplos de patrimonialização ancorada na tristeza, na dor, no sofrimento e na morte.

Não se pode negar que a inclusão da "tristeza e da morte" no rol das coisas passíveis de patrimonialização produza, num primeiro momento, certo estranhamento. Absorvido o impacto inicial, pode-se compreender que a experiência da "tristeza e da morte", ao longo do tempo, tem sido responsável pela produção de documentos/monumentos[24] que hoje são considerados patrimônios da humanidade. Essa produção cultural, de extraordinária relevância, está presente na arquitetura, na escultura, na pintura, no desenho, na gravura, na poesia, na música, no teatro, na dança, na ópera, no circo, no cinema, na televisão, no cotidiano. A *Pietá* de Michelangelo e as outras tantas Pietás espalhadas pelo mundo, indicam, de um modo muito preciso, que o patrimônio e a arte também são feitos de dor, tristeza e morte. Como não se comover, como não se emocionar diante da imagem da mãe com o filho magro e morto nos braços? Como não compreender que essa não é uma imagem aprisionada no século XV, mas que, ao contrário, estica-se para o passado, atinge o ano 1 da Era Comum e se projeta e se atualiza no cotidiano das favelas e dos bairros populares do Brasil e do mundo?

Essa percepção está presente, por exemplo, no poema *O Mito em Carne Viva*,[25] de autoria de João Cabral de Melo Neto:

Em certo lugar de Castela,
num dos mil museus que ela é,
ouvi uma sevilhana,
a quem pouco dizia a Fé,
ante uma Crucificação
comovida dizer
a emoção mais nua e crua
corpo a corpo, imediata, ao pé,
sem compunção fingida,

sem perceber sequer
a névoa que a pintura
põe entre o que é e o que é:
Lo qui é no habrá sufr'io e'ta mujé!

Eis a expressão em carne viva,
e por que viva mais ativa:
nua, sem os rituais ou as cortinas
que a linguagem traz por mais fina.
A Crucificação para ela
não era o que o pintor num tempo:
para ela era como um cinema
narrando um acontecimento
era como a televisão
dando-o a viver no momento.

Em boa medida, o poema traduz o deslumbramento do poeta que ouve o deslumbramento de uma mulher sevilhana diante de uma obra de arte, fruto do deslumbramento do artista diante de um acontecimento extraordinário, que envolve a dor de uma mãe, a dor dos amigos, a tortura e a morte de um homem, injustamente condenado.

Ainda que as dimensões patrimoniais da "tristeza e da morte" decorram de experiências plenas de subjetividades, elas só fazem sentido na conexão com a vida social. Por isso, possivelmente, os *Jovens Agentes do Patrimônio* atraíram a comunidade para o lado dessas duas categorias, como quem indica que ela (a comunidade) também é afetada e que é com ela que se divide a experiência vivida. É com ela que se partilha a alegria e a tristeza de viver e estar vivo.

IV. Todas as coisas ao nosso redor são patrimônio: o que é importante e o que parece não ser importante.

Coletivamente, os *Jovens Agentes* realizaram uma operação de dilatação do conceito de patrimônio e, por esse caminho, contribuíram para a sua dessacralização e até mesmo para a sua profanação, nos termos de Giorgio Agamben[26]. Para eles, a herança (paterna, materna, fraterna ou filial) é

importante, mas não está restrita a um rol de caráter oficial, privado ou público, municipal, estadual, nacional ou internacional.

A noção de patrimônio tem um componente discursivo que lhe dá sentido e do qual não se liberta. A vivência de um museu de percurso espalhado pelo território, um museu pelo qual se pode caminhar, ao ar livre, de dia e de noite, contribui para a construção de um conceito de patrimônio que nos envolve por todos os lados, afeta todos os nossos sentidos e cuja construção é afetada por valores e princípios que regem a vida social, em suas dimensões individual e coletiva. Por isso, os *Jovens Agentes* afirmam que "Todas as coisas ao nosso redor são patrimônio" e, para não deixar dúvidas, criam duas categorias: 1. "o que é importante" e 2. "o que parece não ser importante".

Por essa vereda, compreende-se que a noção de patrimônio[27] implica uma totalidade difusa, fragmentada e submetida a uma dinâmica bastante especial. O "que é" e o que "parece não ser", são expressões em diálogo: o que "parece não ser" talvez seja e "o que é" talvez não seja ou apenas pareça ser. O patrimônio está no reino do incerto, sabe-se e não se sabe o que ele é. Há, no patrimônio, uma dimensão política – que envolve escolha, seleção, eleição – e também há uma dimensão poética, que envolve criação, relação, comunicação.

A noção de que todas "as coisas ao nosso redor são patrimônio" é bastante instigante, estimulante e polêmica. Se tudo for considerado como patrimônio, como já se sabe, nada será patrimônio. No entanto, a frase citada está seguida de outra que relativiza, problematiza e destaca a dimensão política do patrimônio, ao sugerir que "o que é importante e o que parece não ser importante" também fazem parte deste conjunto. A palavra "importante" põe em evidência a disputa, o litígio, o conflito que reina no campo do patrimônio. O "importante" está associado a um saber dizer e, ao afirmar que "o que parece não ser importante" também é patrimônio, anuncia-se a arbitrariedade desse mesmo saber dizer.

Neste segmento, destaca-se a dimensão discursiva do patrimônio. O patrimônio é produzido e constituído a partir de um discurso. Para que haja patrimônio, é necessário que alguém diga: "isso é patrimônio" e é igualmente necessário que alguém receba, convalide e reafirme esse discurso. Não se

trata de bom gosto, de valor excepcional, de beleza, de técnica, de riqueza; trata-se de discurso, de disputa e de política, no sentido lato.

V. A conversa com a amiga, o dia a dia, as pessoas, a vergonha.

Diversas questões podem ser levantadas a partir da análise desse fragmento; entre outras, destacam-se as seguintes: quando se fala em patrimônio, de que patrimônio se fala? Que discurso patrimonial é acionado quando se fala em patrimônio? Trata-se de uma lista oficial estabelecida, ou de uma referência à possibilidade de construção de outros discursos patrimoniais?

A sugestão dos jovens aponta o entendimento de que o patrimônio não está restrito aos artefatos, biofatos e mentefatos[28] de caráter extraordinário; o dia a dia, o cotidiano, as pessoas, são patrimônios muito especiais.

A "conversa com a amiga" é um patrimônio. Aqui se explicita, de modo contundente, a dimensão relacional do patrimônio. Só há patrimônio onde há a relação e a conversa, é a afirmação da potência da relação. É na relação, no encontro, na vivência e na convivência que o patrimônio se constitui, se enraíza e adquire sentido. De outro modo: é no cotidiano, no dia a dia, que o patrimônio se revela, se afirma e se confirma. O desafio colocado pelos jovens criadores do conceito em análise não é reconhecer a festa como um patrimônio imaterial, não é trabalhar com o evento extraordinário (a Festa do Divino, o Carnaval, o Círio de Nazaré, a Festa da Independência da Bahia celebrada no dia de 2 julho), mas reconhecer que há uma dimensão patrimonial no cotidiano, da qual não se pode fugir. Esses jovens nos ensinam que o patrimônio é "a conversa com a amiga", são as pessoas; que esse patrimônio está no dia a dia e que outras manifestações patrimoniais, para fazerem sentido, precisam entrar nessa conversa e ocupar o cotidiano.

A amizade e a conversa nos remetem à filosofia que, mesmo esperneando, pode ser compreendida como um patrimônio. "A amizade – diz Giorgio Agamben – é tão estreitamente ligada à própria definição de filosofia que se pode dizer que sem ela a filosofia não seria propriamente possível."[29]

O desafio mais radical, nesse fragmento, é compreender a vergonha como um patrimônio. Ainda que os jovens não sejam explícitos, a vergonha aqui aparece como um sentimento passível de ser transmitido e recebido e

igualmente passível de produzir identificação. A vergonha é um sentimento que se ancora em referenciais internos e externos e pode, por isso mesmo, ser vivenciado de modo individual ou coletivo. Para Ulisses F. Araújo, do *Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação* da UNICAMP, a vergonha exerce "um papel regulador nas relações interpessoais e intrapessoais" e "pode ser considerada como um dos sentimentos mais relevantes para nossa experiência com o mundo". Ainda assim, diz ele: "historicamente a psicologia não dedicou maiores esforços na compreensão de sua natureza e seu papel na vida humana".[30] Os estudos de Araújo, dedicados ao exame da vergonha como um "regulador moral", podem ser importantes para a compreensão do enquadramento da vergonha na categoria de patrimônio.

Em seu livro a *Ideia da Prosa*, Giorgio Agamben examina a "Ideia da Vergonha" e sugere que "sentir vergonha sem mal-estar", em determinadas condições humanas, é a "única inocência possível", o último sinal de humanidade. Realizando uma leitura muito singular de Kafka, Agamben sustenta que o autor de *O Processo* "procura ensinar aos homens o uso do único bem que lhes restou: não a libertar-se da vergonha, mas a libertar a vergonha".[31] Em meu entendimento, esta é a perspectiva presente no conceito dos *Jovens Agentes do Patrimônio*; não se trata de fugir ou mesmo de tentar escamotear, afastar-se ou descolar-se da vergonha, trata-se de assumi-la e, portanto, de acionar a sua potência de vida, a sua possibilidade de produzir identidade, coesão e dignidade pessoal e social.

VI - É um patrimônio saber que a gente é uma comunidade...

Como se pode observar, neste último fragmento, opera-se como que uma identificação entre patrimônio e comunidade, mas ao invés de um determinado bem ou manifestação patrimonial ser tratado como uma representação e ser identificado com a comunidade, o que ocorre é que a noção de pertencimento à comunidade é tratada como patrimônio. Esse último fragmento reúne e revela um conjunto extraordinário de problemas; nele encontra-se o ponto nevrálgico do conceito analisado. É bom lembrar que esse conceito foi coletivamente construído e que o *Museu Vivo do São Bento* ancora-se num trabalho comunitário.

Se por um lado, como já foi indicado, não há patrimônio sem relação, sem partilha social ou sem código social partilhado; por outro, considerar que o "saber que a gente é uma comunidade" constitui um patrimônio, sugere a compreensão de que a relação em si mesma é patrimônio e que, portanto, é a relação que deve ser cada vez mais valorizada e partilhada.

Esse deslocamento conceitual introduz alguns problemas, a começar pela noção de comunidade. A comunidade, neste caso, parece e apenas parece ser considerada como um grande bem, como uma coisa boa que a todos afeta, e, por isso, deve ser preservada, transmitida e recebida de modo diacrônico e sincrônico. Este entendimento estaria em sintonia com a análise crítica de Zygmunt Bauman[32], que indica que, nos dias de hoje, a comunidade é o "outro nome do paraíso perdido – mas a que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até ela".

É preciso dizer, com clareza, que território, patrimônio e comunidade, expressões tão caras à denominada nova museologia, não têm valor em si. Em nome dessa trilogia, crimes contra a humanidade podem ser cometidos. A defesa do território, do patrimônio e da comunidade pode ser um argumento utilizado por ideologias fascistas, nazistas e integralistas. Assim, é indispensável dizer a favor de quem as nossas práticas e as nossas teorias são acionadas. É nesse sentido que faz sentido a afirmação da "Museologia Social" ou de uma museologia do afeto comprometida com as classes populares, com os movimentos sociais e com a redução das desigualdades sociais.

Em que medida a adesão à comunidade significa restrição à liberdade individual e ampliação da segurança coletiva? Esse é um dos aspectos analisados por Zygmunt Bauman em seu livro *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, que diz: "Há um preço a pagar pelo privilégio de 'viver em comunidade' – e ele é pequeno e até invisível só enquanto a comunidade for um sonho. O preço é pago em forma de liberdade, também chamada de 'autonomia', 'direito à autoafirmação' e 'à identidade'. Qualquer que seja a escolha, ganha-se alguma coisa e perde-se outra. Não ter comunidade significa não ter proteção; alcançar a comunidade, se isto ocorrer, poderá, em breve, significar perder a liberdade".[33]

Desafiando a construção teórica de Bauman, os *Jovens Agentes do Patrimônio* talvez estejam afirmando a hipótese de outro modelo de comunidade, de uma comunidade que esteja aberta para outras comunidades,

de uma comunidade que, de tanto conviver e sofrer com a violência, lide com a segurança e com a liberdade de outro modo. É preciso manter acesa a lembrança de que o *Museu Vivo do São Bento* nasceu da luta de um conjunto de professores e que, portanto, ele tem, em sua gênese, a dimensão educacional como elemento decisivo. A articulação do Museu com a comunidade está expressa, por exemplo, nas palavras de Marlúcia Santos "O Museu está preocupado com o homem de hoje e não só com os sambaquianos. Conseguimos, por exemplo, aprovar duas creches para o bairro. Uma delas receberá o nome de *Museu Vivo do São Bento*".[34] O depoimento de Marlúcia indica que a comunidade não está no passado, nem no futuro, mas na luta e na conquista que se faz aqui e agora. Nesse sentido, a comunidade talvez pudesse ser entendida não como um paraíso, mas como uma trincheira; não como um ponto de repouso, mas como um ponto de fuga; não como um lar, mas como uma máquina de guerra; não como um lugar de futuro, mas como um lugar estratégico de luta e resistência no presente.

Considerações finais

Se há alguma coisa que merece destaque e atenção, no presente texto, é apenas o fato de ele ter enfrentado com respeito um conceito sobre patrimônio produzido por adolescentes moradores do município de Duque de Caxias e participantes do *Programa Jovens Agentes do Patrimônio*, promovido e coordenado pelo *Museu Vivo do São Bento*.

No mais, foi o referido conceito que guiou as reflexões aqui desenvolvidas. Os jovens em questão operaram com um entendimento dilatado de patrimônio e contribuíram para a sua dessacralização e até mesmo para a sua profanação. Para eles, como foi indicado, a noção de patrimônio não está restrita a um rol de caráter oficial, privado ou público, municipal, estadual, nacional ou internacional. Seguindo o percurso indicado, foi possível refletir sobre a expansão do conceito de patrimônio, sobre a patrimonialização como um campo de disputa pela ocupação do passado, do presente e do futuro e sobre a necessidade de se pensar novos caminhos e novas possibilidades para o patrimônio.

Convém esclarecer que fui apresentado, em contato ligeiro e breve, a alguns jovens que participaram desse processo, entre eles a Jaqueline, que achou botões enterrados. Não foi fácil resistir à tentação de anotar seus

nomes inteiros, endereços e telefones para depois entrevistá-los. A decisão de não entrevistá-los baseou-se na compreensão de que o conceito criado foi resultado de uma experiência coletiva, única e irreprodutível. Além disso, à semelhança de uma obra de ciência ou de uma obra de arte, o conceito estava lançado no mundo e tinha vida própria e eu, por minha vez, deveria ter todo o direito de examiná-lo, ao meu modo. Foi o que fiz.

Notas:

1 Ver a tese de Angela Maria Soares Mendes Taddei denominada Língua, patrimônio e museu no Museu da Língua Portuguesa e nas réplicas de seus visitantes, defendida em 2013, no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPCIS), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com a orientação da professora Myrian Sepúlveda dos Santos.

2 Para aprofundar o debate sobre patrimônio, tomando como referência a produção brasileira recente, sugiro, entre outros, os seis seguintes livros: 1. GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos:* coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro, RJ: IPHAN, 2007; 2. ABREU, Regina; CHAGAS, Mario e SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (Orgs.). *Museus, coleções e patrimônios:* narrativas polifônicas. Rio de Janeiro, RJ: IPHAN, 2007; 3. ABREU, Regina e CHAGAS, Mario (orgs). *Memória e Patrimônio:* ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro, RJ: Lamparina, 2009; 4. PAULA, Zueleide Casagrande de; MENDONÇA, Lúcia Glicério e ROMANELLO, Jorge Luis (Orgs.). *Polifonia do patrimônio.* Londrina, PR: EDUEL, 2012. 5. CAMPOS, Yussef Daibert Salomão de (Org.). *Patrimônio cultural plural.* Belo Horizonte, MG: Arraes Editores. 2015; 6. FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves e REIS, Alcenir Soares dos (Orgs.). *Patrimônio imaterial em perspectiva.* Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2015.

3 MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a Dádiva*. Edições 70, Coleção Perspectivas do Homem. 2001, 200p.

4 O texto A Sociologia de Marcel Mauss: dádiva, simbolismo e associação, de autoria de Paulo Henrique Martins apresenta contribuições importantes para esse debate. (Ver Núcleo de Cidadania, postagem de 20 de junho de 2007: http://nucleodecidadania.org/artigos/a_sociologia_de_marcel_mauss.pdf). Acessado em: 22 de jun. 2016.

5 RUSSIO, Waldisa. Texto III. In: ARANTES, Antônio Augusto. *Produzindo o passado*. São Paulo: Brasiliense. 1984, p.59-64.

6 Nominar esses jovens é um gesto poético (e político) de grande importância. Para nominá-los, utilizo como fonte documental um calendário publicado em 2014, pelo Museu Vivo do São Bento/CRPH, compreendendo que é indispensável respeitar a forma como os nomes são indicados e apresentados pelos organizadores e coordenadores do projeto. Entre 2013 e 2014, participaram do Programa Jovens Agentes do Patrimônio: Alice, Aline Cristini, Aline Herringer, Bruna, Camile, Clara, Cleisson, Eduardo, Eric, Giovanna, Giulliana, Guilherme, Isabela, Jaqueline, João Vitor, Jullia, Joyce, Kamilli, Kássia, Letícia, Lorena, Lucas Alexandre, Lucas de Souza, Marcelo, Maria Carolina, Maria Clara Wilson, Matheus, Millena, Milena, Nathalie, Pedro Lucas, Rafael, Rayane, Rodolfo, Stephani, Tainá, Tamires, Thaís, Thaynara, Grazielly, Luiz Felipe, Samarone, Vitória, Alana, Breno, Carlos Augusto, Claudia, Diogo, Emanuelly, Flávio, Geisiane, Gleyce, Iane, Ingrid, Janderson Fonseca, Jarderson Silva, Joabner, Joanny, João Pedro, José Victor, Karla, Leandro, Lidiane, Lucas de Jesus, Luciano, Luiz Felipe, Luiza, Maria Clara, Mateus Marcos, Matheus Silva, Michelle, Naiara, Paulo, Pedro, Richard, Thamires, Warley e Wesley.

7 Utilizo, como referência, o texto incluído em cartão - tamanho A4, com uma dobra - distribuído aos visitantes do Museu Vivo de São Bento, em 2013.

8 O dispositivo legal acima referido designa os povos indígenas ou sambaquianos como populações "pré-cabralinas". É importante registrar que esta expressão, por diversos motivos, está sendo contestada e rejeitada entre os povos indígenas e também no âmbito acadêmico.

9 Ver Lei nº 2224, de 7 de novembro de 2008, Prefeitura Municipal de Duque de Caxias, disponível em http://smeduquedecaxias.rj.gov.br. Acessado em: 22 de jun. 2016.

10 Idem.

11 BARROS, Manuel. *Poesia Completa.* São Paulo: Leya. 2010. 493p

12 CHAGAS, Mario e SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Museu e Políticas de Memória*. In: Cadernos de Sociomuseologia, v. 19. Lisboa: ULHT. 2002. 148p.

13 Expressão cunhada por Mário Moutinho para referir-se aos grandes projetos museais que, na atualidade, surgem e estão conectados a megainvestimentos, descolados dos interesses da população. A existência concreta dos "museus imperiais" permite a aceitação da ideia de uma museologia imperial, uma museologia que está ao serviço do grande capital, das grandes corporações e dos megamuseus.

14 Aliás, a capa do cartão – tamanho A4, com uma dobra – de onde retirei o conceito coletivo construído pelos Jovens Agentes do Patrimônio, apresenta a seguinte citação de Manoel de Barros: "Há histórias tão verdadeiras que, às vezes, parece que são inventadas."

15 BARROS, Manuel. *Poesia Completa.* São Paulo: Leya. 2010. 341p.

16 Trata-se da estudante Jaqueline de Oliveira Nascimento. Solicitei aos professores coordenadores do Programa Jovens Agentes do Patrimônio permissão para citar o nome inteiro da estudante com o objetivo de atender à exigência do parecerista que avaliou o presente artigo.

17 Ver http://www.baixadafacil.com.br/municipios/sambaqui-do-sao-bento-passara-por-obras-de-infraestrutura-2093.html. Acessado em: 22 de jun. 2016.

18 Está claro que essa compra tem um caráter simbólico e indica que o coletivo de professores chamou para si a responsabilidade de preservar, conservar e dinamizar o referido sítio; a rigor, todo e qualquer sítio arqueológico, por determinação legal, pertence à União.

19 BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única:* Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense. 1995. p.239.

20 ANDRADE, Carlos Drummond de. *Esquecer para lembrar* (Boi Tempo – III). Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. 178p.

21 ANDRADE, Mário de. *Os filhos da Candinha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2013.

22 *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. nº 31, 2005. Museus: antropofagia da memória e do patrimônio (org. Mario Chagas).

23 AGAMBEN, Giorgio. *A ideia da prosa.* Belo Horizonte: Autêntica. 2013. p.126.

24 Ver a edição portuguesa do texto Documento/Monumento, de autoria de Jacques Le Goff, publicado na *Enciclopédia Einaudi*, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, em 1984 (p.95-106).

25 NETO, João Cabral de Melo. *Museu de Tudo e depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p.97.

26 AGAMBEN, Giorgio. *O amigo & O que é um dispositivo?* Chapecó: Argos. 2014. 71p.

27 GONÇALVES, José Reginaldo Santos, O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário. (orgs.) *Memória e Patrimônio:* ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.21-29.

28 D´AMBRÓSIO Ubiratan. *Da Realidade à Ação:* reflexões sobre educação (e) matemática. São Paulo: Summus Editorial, 1986. p.53.

29 AGAMBEN, Giorgio. *O amigo & O que é um dispositivo?* Chapecó: Argos. 2014. p.55.

30 ARAÚJO, Ulisses F. *O sentimento de vergonha como regulador moral.* São Paulo: USP. 1998.

31 AGAMBEN, Giorgio. *A ideia da prosa*. Belo Horizonte: Autêntica. 2013.

32 BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade:* a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.p.9.

33 Idem. p.10.

34 Ver http://www.baixadafacil.com.br/municipios/sambaqui-do-sao-bento-passara-por-obras-de-infraestrutura-2093.html. Acessado em: 22 de jun. 2016.

Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v. 47, p. 197-214, 2015

Heritage is the path of ants

Mario Chagas*

Received on: 17/08/2015
Accepted on: 22/10/2015

Abstract

The present text closely examines a heritage concept collectively built, in 2013, by the participants of the Young Heritage Agents Program, connected to the São Bento Living Museum. It concerns a group of young people, between 12 and 20 years of age, public school students from popular communities of the "Great São Bento" region, in the municipality of Duque de Caxias (State of Rio de Janeiro), who developed creative partnerships with the Museum´s teachers and educators. The concept created by the youngsters expands the comprehension of heritage and, for this very reason, deserves attention. This creative, pedagogical, poetic and political concept opens new possibilities for thinking about cultural heritage in Brazil and in the World, taking into consideration themes such as ant, button, sadness, community, conversation, shame, everyday life and more.

Keywords

Heritage. Memory. Museum. Social Museology. Museu Vivo de São Bento. Duque de Caxias.

Language is heritage, tongue is heritage, and word is also heritage[1]. The word heritage files layers and layers of meaning and saves, in each of its layers, multiple connection lines. It would be possible to investigate it in cross-sectional view and search its movements in time and space, but this is not the path to be trailed. The work that is delineated is less ambitious but no less challenging; as, just ahead, it will be possible to find.

The word heritage is heritage[2], not much effort required to achieve this understanding. The same path, it is also not necessary to have any special ability to understand that the word heritage is an abstract noun applied to tangible and intangible assets, movable and immovable.

Concrete nouns are those that refer to something touchable, which can be confirmed, a common image, although with certain variations: chair, bed, table, screw, pliers, ant, book, pencil, fork, knife. Abstract nouns are those that refer to something imaginary, cognitive, affective, to something that cannot be touched and that can never be reduced to a single representative image: joy, sorrow, agony, shame, beauty, happiness, life, death, love, friendship, community.

Provisional summary: the word heritage is an abstract noun, thus, it designates something that cannot be touched, handled, and about which a single representative image cannot be made. Even when it comes to material heritage, tangible heritage, what is at stake is not the materiality or tangibility, but the meaning, the significance, the value assigned. From a philological point of view, the word heritage[3] derives from the original Latin term "patrimonium", meaning "paternal inheritance", or "family assets" transmitted from fathers and mothers to sons and daughters.

Transmission: here is a key-concept attached to the notion of heritage. Traditionally, heritage is thought of as something diachronically transmitted from one time to another, from one generation to another. In this sense, heritage is only transmissive. However, one cannot think about transmission without the notion of reception. Without reception, heritage is not constituted as such.

---

* Museologist. PhD in Social Science Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO). Federal University of Rio de Janeiro's (UERJ) Professor and Technical Advisor of Museu da República (Minc/Ibram).

Reception: here is another key-concept attached to the notion of heritage. It is not enough to transmit (voluntarily or involuntarily), it is necessary that someone receives it (voluntarily or involuntarily). Each and every heritage is only created when links between transmitting and receiving are established, knowing that receiving implicates the commitment of to a new transmission. Giving, receiving, and returning. Marcel Mauss's gift theory is an important key to understanding heritage, in critical perspective. His *The Gift*[4]

> The gift is present in all parts and does not concern only isolated and discontinued moments of reality. That which circulates has several names: it is called money, car, furniture, clothing, but also smiles, kindness, words, hospitalities, gifts, free services, among many others. For Mauss, what circulates has a decisive influence on how actors are formed and how their places in society are defined.[5]

Memory, heritage (tangible and intangible), the monument, the document, manifestations and cultural property, musealized or not, are also part of the universe of what circulates, of that which is given, received, and returned by means of a new transmission.

Traditionally, transmission and reception of heritage are thought of and dealt with in diachronic perspective, as heritage transmitted from the past to the present or from the present to the future. Even when one criticizes the patriarchal dominance in the notion of heritage and argues in favor of the hypothesis of a maternal inheritance, which gives a new meaning to the word matrimony, even then the diachronic perspective prevails.

This perspective, as pointed out by Waldisa Russio,[6] does not exhaust the possibilities of working with heritage. It is also possible to consider it also in a synchronic perspective. There is a heritage that is transmitted and received in contemporaneity, perhaps we could, in a poetic path, call it *fratrimony*. It is not about a maternal or paternal heritage, but something shared between the contemporary, between friends and brothers, between members of a same community.

Synchronic perspective is fundamental to the development of new practices and new conceptual approaches in the heritage field. It is this synchronic perspective that I identify in the collective concept created in 2013 by the participants of the *Young Heritage Agents Program*, developed by the *Museu Vivo do São Bento* [São Bento's Living Museum] and the *Heritage and History Reference Center of the city of Duque de Caxias*.

The Program, created in 2009, has been coordinated, throughout the past six years, by professors Aurelina de Jesus Cruz Carias, Flávia Andreia Paes Leite, and Risonete Martiniano de Nogueira; all linked to *São Bento's Living Museum*.

Throughout these years, about 60 young people participated in the *Program*, between the ages of 12 and 20, from popular communities, residents in the vicinity of the Museum, regularly enrolled in public schools of the region called Great São Bento, in Duque de Caxias. The decision of will by the youngster and the filling out of an application form are the main criteria required for participation in the *Program*, even the age and place of residence may vary.

Here is the concept created by the Young[7] Heritage Agents:

> Heritage is the path of ants, the buttons that Jaqueline had found buried, it is sorrow and it is death, it is the community. All things around us are heritage: what is important and what seems unimportant, conversation with a friend, daily life, people, shame. It is a heritage knowing we are a community....[8]

The text here offered intends to examine the collectively built concept and, to do that, will be divided into six parts or fragments, in correspondence with the key ideas of the referred concept.

I – Heritage is the path of ants

São Bento's Living Museum was launched in April, 2008 as a route museum and was also recognized as a territory museum and as an ecomuseum of the city of Duque de Caxias. Its project was a result from the accumulation of reflections and experiences developed by a group of teachers operating in the state and municipal educational network.

A little less than seven months after its launching, *São Bento's Living Museum* was institutionalized within the Duque de Caxias' Municipal Secretariat of Education by means of the Municipal Law No. 2224, of November 3rd, 2008. At the time, it was recognized as a "museological complex", whose route had ten references, listed by the same law as places of memory and heritage buildings:

> I –Initial Portal of the *São Bento's Living Museum's* route – colonial building existing on the premises of FEUDUC, adapted as Administrator's Home of São Bento's Colonial Nucleus;
>
> II – Igreja Nossa Senhora do Rosário [Church of Our Lady of the Rosary] and Casarão Beneditino [Benedictine Big House] – main house of the former São Bento Farm, listed as National Heritage by IPHAN;[9]
>
> III – Old Granary of São Bento Farm and Colonial Nucleus – building destined for the installation of the Popular Aggregation Cultural Space;
>
> IV – São Bento Farm Building, adapted as Granary, Colonial Nucleus' Medical Station and Shelter for Minors – recently destined to house a museum space about the History and Education of the City of Duque de Caxias;

V – São Bento Farm Building, adapted as Nísia Vilela Agricultural School the Colonial Nucleus' school – destined as seat of the Heritage and History Reference Center of the City of Duque de Caxias and of the Education Research, Memory, and History Center of the City of Duque de Caxias and Baixada Fluminense region, and as Municipal Public Archives;

VI – Settler's House – settler's house of the nucleus, that keeps the ways of life of rural workers in the post-1930s, destined for the installation of a museological space which restores the internal setting of the settlers' of everyday life;

VII – São Bento's Sambaqui[10] – archaeological site that guards the remains of pre-Cabral[11] human occupations in the vicinity of Guanabara, destined for the installation of Museu dos Povos das Conchas [Shells' Peoples Museum];

VIII – House of the Pan-American Center of Foot-and-Mouth Disease, established in the territory of the Great São Bento, in the second Vargas Era;

IX – Elevation known as Staircase or Navy Hill – intended as observatory of the Great São Bento and as an environmental reserve space;

X – New São Bento – occupation organized by the social movement in the early 1990s, privileged space for heritage and cultural educational actions.[12]

The route's life and dynamics, however, did not (and don't) reside in the concreteness of the Decalogue that composed its main points of reference, but in the performance and the leading role played by teachers and students, in the oral narratives which aligned times, spaces, people, memories, and stories. The institutionalization process has established, the following purposes for the museum:

I – Strengthening the movement in defence of tangible and intangible heritage of the Great São Bento's territory;

II – Affirming the territory of Caxias as a place of memory and history;

III – Ensuring the importance of historical subjects who have lived here and live today, as social actors builders of their time;

> IV – Investigating inherited legacies, thinking about the city in the long term, thus allowing for the projection of what we want for it;
>
> V – Ensuring the construction of feelings of belonging and social community.[13]

From its creation to nowadays, the museum has been developing actions of mapping, identification, research, and protection of Duque de Caxias's cultural heritage and, that way, has been producing remarkable impacts for a better knowledge of local history and the preservation of cultural heritage. It is in this context that, by leaps and bounds - with a lot of courage to face the outrages and violence of the established powers, with a lot of energy and solidary support to overcome the attempts to erase and silence the libertarian education projects, with creative imagination to resist and to continue producing new future possibilities – *São Bento's Living Museum's* plans, programs, and projects are developed, among which the *Young Heritage Agents Program* stands out.

This Program, created in 2009, understands that patrimonialization is a field of dispute for the occupation of past, present and future; therefore, it has a strategic role in the educational and cultural upbringing of new generations. Besides, for the Program, patrimonialization has a procedural character, not being enough, therefore, regarding preservation, the establishment of an official list defining what is and what is not heritage; it is necessary to go further, it is necessary to build collective concepts and, starting from them, to develop collective and participative actions of defense, protection, and preservation of the cultural inheritance.

The collective concept that I intend to examine was built by *Young Heritage Agents* and begins, as already seen, with the statement: "Heritage is the path of ants (...)."

There is, in this statement, a poetic dimension that should not be disregarded. Everything indicates that young people have been bathing in non-lessons by Manuel de Barros, who says: "It is in the lowermost that I see the exuberance".[14] Like the poet, they are interested in ants, in the "paths of ants", and consider that this path is heritage. This perspective provides intuitions and inspirations. The "path of ants" is natural and cultural at the same time. Even though it is produced by the ants' nature, when designated as a path, the "path of ants" crosses the universe of culture and language. Besides, the "path of ants" interferes with the landscape and produces a kind of micro-landscape, which requires a watchful eye. The landscape perceived from a macro or micro point of view, is nature and culture in dialogue.

"Heritage is the path of ants (...)." It is not difficult to notice the connection between the words "path" and "route". *São Bento's Living Museum* is organized around a route which articulates tangible and intangible heritage, culture and nature, work and leisure, party and daily life, home and street, identity and difference, history and memory, antiquity and contemporaneity. It is also possible to read, in this statement, the indication that it is necessary to be perseverant, persistent, militant, warrior; to build paths.

In any way, the "path of ants" imposes itself. It is necessary to regard with attention that which is often despised, disregarded and treated as something useless. Moreover, working with memories, museums, and heritages is, largely, to deal with non-appliances[15] and in them there is a world to be discovered. By calling attention to the "path of the ants", young people denounce the contamination of the desire and discourse of industrial progress, which endangers the environment (life), and subsidize criticism against the discourses and practices of "imperial museums".[16] Everything indicates that the Young Heritage Agents agree with poet Manuel de Barros[17], who is interested in flies, birds, mosses, ants and, therefore, says: "Incidentally, the ass of an ant is also much more important than a Nuclear Power Plant".[18]

II. The buttons that Jaqueline[19] found buried

One of the important references in the *Living Museum's* route is the archaeological site, discovered (or rediscovered) in 2002, by the student Marcele Mandarino, from the History Course of the Undergraduate School of Philosophy, Sciences and Letters of Duque de Caxias (Feuduc), today known as *São Bento's Sambaqui*. The word sambaqui, from the Tupi language, means "heap of shells". It is, strictly speaking, a site that keeps traces of human occupations, dating approximately of 5000 years. The fight for the preservation of the Sambaqui mobilized teachers, students, and the community of the region. Nielson Bezerra, professor and one of the directors of the *Living Museum*, in interview given to journalist Shirley Costa e Silva, published in August 6th, 2012, explained that the plot of land where the Sambaqui was discovered was private property of a worker with little economic resources who, due to financial difficulties, had put the land up for sale. At the time, professors and students promoted "a campaign in state and municipal schools, called *SOS Sambaqui*, to raise money for the purchase of the plot of land",[20] which finally was accomplished at the price of 11 thousand Reais.[21] As obvious as it may seem, it is worth noting that the heritage that there is was, from the point of view of community values, is priceless.

The scientific excavations, which began in 2010, and the process of identification, protection and participative preservation of the site were decisive for it to be turned into a *School Site*, counting even with the participation of *Young Heritage Agents Program*.

The narrative of the struggle for the preservation and educational use of *São Bento's Sambaqui* is, in my understanding, important to contextualize the indication that "the buttons that Jaqueline found buried", as well as the shells, bones, lithic remains, decorations and ornaments, ceramic leftovers and funerary urns found in the *School Site*, are also heritage. The parallel between Jaqueline's story and that of student Marcele Mandarino is not random; they are discoverers of buried assets, researchers' archetypes, social and human scientists, anthropologists, archaeologists, historians, museologists, and sociologists.

The interest of the *Young Heritage Agents* in the unearthing and production of new heritages suggests that they are ready to exhume the past, to reread and rewrite the past. These youngsters' ideas seem to get along very well with the suggestions of Walter Benjamin, who says: "He who seeks to approach his own buried past must conduct himself like a man

digging. Above all, he must not be afraid to return again and again to the same matter, to scatter it as one scatters earth, to turn it over as one turns over soil."[22]

Jaqueline's findings and her practice of unearthing also bring to our mind the poem by Carlos Drummond de Andrade, called *Coleção de Cacos* (Collection of Shards), included in his book *Esquecer para lembrar* (Boi Tempo – III) (Forgetting for Remembering – Boi Tempo – III).

Here is the poem:

Já não coleciono selos. O mundo me inquizila.
Tem países demais, geografias demais.
Desisto.
Nunca chegaria a ter um álbum igual ao do Dr. Grisolia,
orgulho da cidade.
E toda gente coleciona
os mesmos pedacinhos de papel.
Agora coleciono cacos de louça
quebrada há muito tempo.
Cacos novos não servem.
Brancos também não.
Têm de ser coloridos e vetustos,
desenterrados - faço questão – da horta.
Guardo uma fortuna em rosinhas estilhaçadas,
restos de flores não conhecidas.
Tão pouco: só o roxo não delineado,
o carmezim absoluto,
o verde não sabendo
a que xícara serviu.
Mas eu refaço a flor por sua cor,
e é só minha tal flor, se a cor é minha
no caco de tigela.

O caco vem da terra como fruto
a me aguardar, segredo
que morta cozinheira ali depôs
para que um dia eu o desvendasse.
Lavrar, lavrar com mãos impacientes
um ouro desprezado
por todos da família. Bichos pequeninos
fogem de revolvido lar subterrâneo.
Vidros agressivos

ferem os dedos, preço
de descobrimento:
a coleção e seu sinal de sangue;
a coleção e seu risco de tétano;
a coleção que nenhum outro imita.
Escondo-a de José, por que não ria
nem jogue fora esse museu de sonho.[23]

After giving up the idea of a stamp collection, the poet (the lyrical I) decides to collect *"cacos de louça / quebrada há muito tempo"* [shards of dishware / long ago broken]. The poet is demanding with his collection: "new pieces" or white pieces do not fit in it. The pieces of the collection must be "colorful and ancient, dug up" – the poet insists – "from the vegetable garden". He idealizes a collection cultivated with "impatient hands", he seems to recognize the value of this "gold despised by everyone in the family" and of this collection that brings a "sign of blood", a "risk of tetanus", but also brings a unique human gesture and holds many possibilities of dreams.

As well as the shards (fragments of heritage) excavated by the poet compose a "dream museum", the buttons dug up by Jaqueline are also turned into delicate heirloom. These buttons, seemingly so insignificant, open a new world of senses and assemblages. Focusing our thoughts on the buttons favors the connection to Mario de Andrade's chronicle called *"Sociologia do Botão"* [Sociology of the Button][24], and also with the "Museu do Botão" [Museum of the Button], idealized and operated by Hélio Leite[25], a performing contemporary artist outside the conventional canons.

III. It is sorrow, it is death, it is the community.

The core of this paper is the concept of heritage built collectively within the Young Heritage Agents Program. This memory is important, especially at this point when the term heritage is associated with sorrow, death, community.

These young people's notion of heritage derives from experience, from the daily dealing with life. The experience of sorrow throughout time – sorrow that unsettles, that exalts, that contaminates and that also favors creation –constitutes unequivocally a heritage, understood as something that affects and transforms, something which can be transmitted and received. In the same way, the experience with death, the coexistence with the "angel of death" which assiduously attends popular neighborhoods, streets, houses, schools, factories, temples, fields, and cities constitutes a powerful heritage that affects, that can teach and that can be transmitted and received.

The regular coexistence with the "angel of death" does not reveal, however, its secret. The "angel", as said by Giorgio Agamben, "is language", he is just the harbinger of death. "The angel is not to blame for this, and only those who understand the innocence of language also understand the true meaning of this announcement and may, eventually, learn to die".[26]

In São Bento's Sambaqui death is also present and the "angel", after having announced, for over five thousand years, the death of a man and a child, returns (like an archaeologist or an arque-angelus) to say that in this territory death is not a new phenomenon and the proof is there, in the bones found and in the identification of different burial practices. As old as the bones found in Sambaqui may be, they exist in the concreteness of here and now and dialogue with the sorrows and contemporary deaths and continued to provoke reflections, emotions, feelings, and intuitions. The cities of Pompeii and Herculaneum, the current Italy, destroyed in the year 79 by the Vesuvius volcano, are also good examples of patrimonialization anchored in sorrow, pain, suffering, and death.

One cannot deny that the inclusion of "sorrow and death" in the list of things liable to patrimonialization produces, in a first moment, certain strangeness. Once the initial impact is absorbed, it can be understood that the experience of "sorrow and death", over time, has been responsible for the production of documents/monuments[27] that today are considered world heritage sites. This cultural production of extraordinary relevance is present in architecture, sculpture, painting, drawing, engraving, poetry, music, theater, dance, opera, circus, cinema, television, daily life. The Pieta by Michelangelo and many other Pietas around the world indicate, in a very precise way, that heritage and art are also made of pain, sorrow and death. How not to be moved, how not to be touched before the image of the mother with the thin and dead son in her arms? How not to understand that this is not an image imprisoned in the 15th century, but that, instead, it stretches to the past, reaches the year 1 of the Common Era and is projected and updated in the daily lives of slums and popular neighborhoods of Brazil and the world?

This perception is present, e.g., in the poem O Mito em Carne Viva (Myth in Raw Flesh)[28], by João Cabral de Melo Neto:

Em certo lugar de Castela,
num dos mil museus que ela é,
ouvi uma sevilhana,
a quem pouco dizia a Fé,
ante uma Crucificação
comovida dizer
a emoção mais nua e crua
corpo a corpo, imediata, ao pé,
sem compunção fingida,
sem perceber sequer
a névoa que a pintura
põe entre o que é e o que é:
Lo qui é no habrá sufr'io e'ta mujé!
Eis a expressão em carne viva,
e por que viva mais ativa:
nua, sem os rituais ou as cortinas

que a linguagem traz por mais fina.
A Crucificação para ela
não era o que o pintor num tempo:
para ela era como um cinema
narrando um acontecimento
era como a televisão
dando-o a viver no momento.

In good measure, the poem reflects the amazement of the poet, who hears the amazement of a woman from Seville before a work of art, fruit of the artist's amazement before an extraordinary event, involving the pain of a mother, the pain of friends, the torture and death of a man, wrongfully convicted.

Even though the patrimonial dimensions of "sorrow and death" arise from experiences full of subjectivities, they only make sense in the connection with social life. For this reason, possibly, the *Young Heritage Agents Program* attracted the community towards these two categories, as one who indicates that it (the community) is also affected and that it is with it that the lived experience is divided. It is with it that the joy and sadness of living and being alive is shared.

IV. All things around us are heritage: what is important and what seems unimportant.

Collectively, *Young Agents* conducted an operation of expansion on the concept of heritage and, in that way, contributed to its desacralization and even for its desecration, in accordance with Giorgio Agamben[29]. For them, the inheritance (paternal, maternal, fraternal, or filial) is important, but it is not restricted to a register of official character, private or public, municipal, state, national or international.

The notion of heritage has a discursive component that gives it its meaning and from which it is not released. Living the experience of a route museum scattered throughout the territory, a museum through which you can walk, in open air, by day and by night, contributes to the construction of a concept of heritage that surrounds us on all sides, affects all of our senses and whose construction is affected by values and principles that govern social life, in its individual and collective dimensions. For this reason, the *Young Agents* claim that "All the things around us are heritage" and, so as to leave no doubt, they create two categories: 1. "what is important" and 2. "what seems unimportant".

This way, it is understood that the notion of heritage[30] implies a diffuse totality, fragmented and subjected to a very special dynamics. That "which is" and that which "seems not to be", are expressions in dialogue: that which "seems not to be" perhaps is, and "that which is" perhaps is not or only seems to be. Heritage is in the realm of the uncertain, one knows and does not know what it is. There is, in heritage, a political dimension, which involves choice, selection, election, and there also is a poetic dimension, which involves creation, relation, communication.

The notions that all "things around us are heritage" is quite exciting, stimulating, and controversial. If all is considered heritage, as we already know, nothing will be heritage. However, the quoted sentence is followed by another one that puts into perspective, discusses, and highlights the political dimension of heritage, by suggesting that "what is important and what seems unimportant" are also part of this set. The word "important" evidences the strife, the dispute, the conflict that reigns in the field of heritage. "Important" is associated with a knowing how to say and stating that "what seems to be unimportant" is also heritage announces the arbitrariness of this same knowing how to say.

In this segment the discursive dimension of heritage is highlighted. Heritage is produced and created from a discourse. So that there is heritage, someone must say: "this is heritage", and it is equally necessary that someone receives, validates, and reaffirms such discourse. It is not about good taste, exceptional value, beauty, technique, richness; it is about discourse, dispute, and politics, in the broad sense.

V. Conversation with a friend, daily life, people, shame.

Several questions can be raised from the analysis of this fragment; among others, the following stand out: when it comes to heritage, what heritage are we talking about? Which patrimonial discourse is put to use when speaking of heritage? Is it about an established official list, or a reference to the possibility of building other patrimonial discourses?

The youngsters' suggestion points to the understanding that heritage is not restricted to artifacts, biofacts, and mentifacts[31] of extraordinary character; daily life, routine, people, are very special heritages.

"Conversation with a friend" is a heritage. Here the relational dimension of heritage is revealed in an incisive way: forceful way, the heritage only exists where there is relation, and conversation is the assertion of the relation's power. It is in relationship, in the encounter, in the living experience and coexistence that heritage is constituted, takes root, and acquires a meaning. In other words: it is in everyday life, on a daily basis, that heritage is revealed, affirmed, and confirmed. The challenge posed by the young creators of the concept under analysis is not to recognize the party as intangible heritage, it is not working with the extraordinary event (the Holy Ghost Festivities, Carnival, the Procession of Our Lady of Nazareth, Bahia's Independence Day celebrated on July 2nd), but recognizing that there is a patrimonial dimension in daily life, from which one cannot escape. These young people teach us that heritage is the "conversation with a friend", it is the people; that this heritage is in daily life and that other patrimonial manifestations, to make sense, must join this conversation and occupy everyday life.

Friendship and conversation remind us of philosophy which, even kicking, can be understood as a heritage. "Friendship – says Giorgio Agamben – is so closely linked to the very definition of philosophy that it can be said that, without it, philosophy would not be properly possible."[32]

The most radical challenge, in this fragment, is to conceive shame as a heritage. Although the youngsters are not explicit, shame here appears as a feeling that can be transmitted and received, and equally capable of producing identification. Shame is a feeling that is anchored in internal and external references and may, for this very reason, be individually or collectively experienced. For Ulisses F. Araújo, from the *Educational Psychology Department* of UNICAMP's *School of Education*, shame exerts "a regulatory role in interpersonal and intrapersonal relations" and "may be considered as one of the most relevant feelings for our experience with the world". Still, he says: "historically, psychology did not devote greater efforts in understanding its nature and its role in human life"[33]. Araújo's studies, dedicated to examining shame as a "moral regulator", may be important to for the comprehension of how shame might fit into category of heritage.

In his book *Idea of Prose*, Giorgio Agamben examines the "Idea of Shame" and suggests that "the feeling of shame in unconcern", in certain human conditions, is the "only kind of innocence possible", the last trace of humanity. Performing a very unique reading of Kafka, Agamben defends that the author of *The Process* "seeks to teach men the use of the only good left to them: not to liberate oneself from shame, but liberate shame"[34]. In my understanding, this is the perspective present in the concept of the *Young Heritage Agents*; it is not about fleeing from or even of trying to conceal, to move away or detach oneself from shame, it's about admitting it and, therefore, triggering its life potency, its ability to produce identity, cohesion, and personal and social dignity.

VI – Knowing we are a community is a heritage...

As it may be observed, in this last fragment there is some kind of identification between heritage and community, but instead of a determined asset or patrimonial manifestation being treated as a representation and being identified with the community, what happens is that the notion of belonging to the community is treated as heritage. This last fragment assembles and reveals an extraordinary set of problems; in it lies the critical point of the analyzed concept. It is good to remember that this concept was collectively built and that *São Bento's Living Museum* is anchored in a community work.

If, on one hand, as already mentioned, there is no heritage without relation, without social sharing, or a shared social code; on the other hand, considering that "knowing we are a community" constitutes a heritage suggests conceiving relation itself as heritage and, therefore, that the relation should be more and more valued and shared.

This conceptual displacement introduces some problems, beginning with the notion of community. Community, in this case, seems and only seems to be considered as a great good, as something good that affects everyone and, should therefore be preserved, transmitted and received in diachronically and synchronic mode. This understanding is in tune with Zygmunt Baumann's[35] critical analysis, which indicates that today, 'community' is "another name for paradise lost – but for a paradise which we still hope to find, as we feverishly search for the roads that may lead us there".

It is necessary to say clearly that territory, heritage, and community, such dear expressions to the so-called new museology, have no value in themselves. On behalf of this trilogy, crimes against humanity can be committed. The defense of territory, heritage, and community may be an argument used by fascist, nazi, and fundamentalist ideologies. Thus, it is essential to say in whose favor our practices and our theories are put to action. It is in this sense that the affirmation of "Sociomuseology" makes sense, of an affection museology, committed to the popular classes, social movements and the reduction of social inequalities.

To what extent does the attachment to a community mean restriction to individual freedom and expansion of collective safety? This is one of the aspects analyzed by Zygmunt Baumann in his book *Community: Seeking Safety in an Insecure World*, which says: "There's a price to pay for the privilege of 'living in community' – and it is small and even invisible only while the community is a dream. The price is paid in the form of freedom, also known as 'autonomy', 'right to self-affirmation' and 'identity'. Whatever the choice, something is gained and something is lost. Not belonging to a community means not having protection; achieving a community, if this ever happens, may mean losing freedom in the short term"[36].

Defying the theoretical construction of Bauman, the *Young Heritage Agents* are perhaps stating the hypothesis of another community model, of a community that is open to other communities, of a community which, from so much living together and suffering with violence, deals with safety and freedom in another way. It is necessary to keep alive the memory that *São Bento's Living Museum* was born from the struggle of a number of teachers and that, therefore, it has, in its genesis, the educational dimension as a key element. The articulation of the Museum with the community is expressed, for example, in the words of Marlúcia Santos "The Museum is concerned with today's man and not only with the *Sambaquiano*. We were able, for example, to approve two day care centers for the neighborhood. One of them will receive the name of *São Bento's Living Museum*"[37]. Marlúcia's testimony indicates that the community is not in the past or in the future, but in the struggle and conquest made here and now. In this sense, the community could perhaps be understood not as a paradise, but as a trench; not as a resting point, but as a vanishing point; not as a home, but as a war machine; not as a place of future, but as a strategic place of struggle and resistance in the present.

Final considerations

If there is something that deserves distinction and attention, in this text, is just the fact that it has faced with respect a concept of heritage produced by teenagers living in the city of Duque de Caxias and participants of the *Young Heritage Agents Program*, promoted and coordinated by São Bento's Living Museum.

Furthermore, it was the mentioned concept that guided the reflections here developed. The referred young people operated with an expanded understanding of heritage and contributed to its desacralization and even for its desecration. For them, as indicated, the notion of heritage is not restricted to a list of official character, private or public, municipal, state, national, or international. Following the indicated path, it was possible to reflect on

the expansion of the concept of heritage, on patrimonialization as a field of dispute for the occupation of past, present, and future, and on the need to think of new paths and possibilities for heritage.

It should be clarified that I was introduced, in slight and brief contact, to some of the young people who participated in this process, among them Jaqueline, who found buried buttons. It wasn't easy to resist the temptation of writing down their full names, addresses, and phone numbers to interview them afterwards. The decision of not interviewing them was based on the understanding that the created concept was the result of a collective, unique and non-reproducible experience. Besides, like a work of science or a work of art, the concept was launched in the world and had a life of its own, and I, in turn, should have every right to examine it, in my way. I did so.

Notes

1 See the thesis of Angela Maria Soares Mendes Taddei called Língua, patrimônio e museu no Museu da Língua Portuguesa e nas réplicas de seus visitantes, presented in 2013, at the Program of Graduation in Social Sciences (PPCIS), of Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), with the guidance of Professor Myrian Sepúlveda dos Santos.

2 To deepen the debate on heritage, with reference to recent Brazilian production, I suggest, among others, the following six books: 1. GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro, RJ: IPHAN, 2007; 2. ABREU, Regina; CHAGAS, Mario e SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (Orgs.). Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas. Rio de Janeiro, RJ: IPHAN, 2007; 3. ABREU, Regina e CHAGAS, Mario (orgs). Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro, RJ: Lamparina, 2009; 4. PAULA, Zueleide Casagrande de; MENDONÇA, Lúcia Glicério e ROMANELLO, Jorge Luis (Orgs.). Polifonia do patrimônio. Londrina, PR: EDUEL, 2012. 5. CAMPOS, Yussef Daibert Salomão de (Org.). Patrimônio cultural plural. Belo Horizonte, MG: Arraes Editores. 2015; 6. FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves e REIS, Alcenir Soares dos (Orgs.). Patrimônio imaterial em perspectiva. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2015.

3 N.T.: In Portuguese, "patrimônio".

4 MAUSS, Marcel. *The Gift*: Forms and Functions of Exchange in Archaic Societies. London: Cohen & West Ltd., 1966

5 The text A Sociologia de Marcel Mauss: dádiva, simbolismo e associação, by Paulo Henrique Martins presents important contributions to this debate. (See Núcleo de Cidadania, June 20, 2007 post: http://nucleodecidadania.org/artigos/a_sociologia_de_marcel_mauss.pdf).

6 RUSSIO, Waldisa. Texto III. In: ARANTES, Antônio Augusto. *Produzindo o passado*. São Paulo: Brasiliense. 1984, p.59-64.

7 Naming these young people is a poetic (and political) gesture of great importance. To name them, I use as documental source a calendar published in 2014 by São Bento's Living Museum/CRPH, understanding that it is essential to respect the way the names are displayed and presented by the organizers and coordinators of the project. Between 2013 and 2014, the following youngster took part on the Young Heritage Agents Program: Alice, Aline Cristini, Aline Herringer, Bruna, Camile, Clara, Cleisson, Eduardo, Eric, Giovanna, Giulliana, Guilherme, Isabela, Jaqueline, João Vitor, Jullia, Joyce, Kamilli, Kássia, Letícia, Lorena, Lucas Alexandre, Lucas de Souza, Marcelo, Maria Carolina, Maria Clara Wilson, Matheus, Millena, Milena, Nathalie, Pedro Lucas, Rafael, Rayane, Rodolfo, Stephani, Tainá, Tamires, Thaís, Thaynara, Grazielly, Luiz Felipe, Samarone, Vitória, Alana, Breno, Carlos Augusto, Claudia, Diogo, Emanuelly, Flávio, Geisiane, Gleyce, Iane, Ingrid, Janderson Fonseca, Jarderson

Silva, Joabner, Joanny, João Pedro, José Victor, Karla, Leandro, Lidiane, Lucas de Jesus, Luciano, Luiz Felipe, Luiza, Maria Clara, Mateus Marcos, Matheus Silva, Michelle, Naiara, Paulo, Pedro, Richard, Thamires, Warley, and Wesley.

8 I use, as reference, the text included in card – size A4, with a fold – handed to São Bento's Living Museum visitors, in 2013.

9 Brazil's National Historic and Artistic Heritage Institute (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

10 N. T. "Sambaquis" are prehistoric mounds made of deposited layers of shells and other elementslocated in Brazilian coastal areas.

11 The above legal provision designates the indigenous peoples or Sambaquianos as "pre-Cabral" populations. It is important to register that this expression, for numerous reasons, is being challenged and rejected among indigenous peoples and also in the academic field.

12 Law Nº. 2224, of November 7th, 2008, City Hall of Duque de Caxias, available at http://smeduquedecaxias.rj.gov.br. Acessed: June 22th 2016.

13 Idem.

14 BARROS, Manuel. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya. 2010. 493p.

15 CHAGAS, Mario e SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Museu e Políticas de Memória*. In: Cadernos de Sociomuseologia, v. 19. Lisboa: ULHT. 2002. 148p.

16 Expression coined by Mário Moutinho referring to the large museum projects arising today and connected to mega-investments, away from the interest of the population. The concrete existence of "imperial museums" allows the acceptance of an imperial museology idea, a museology that is at the service of big business, large corporations and mega-museums.

17 In fact, the cover of the card – A4 size, with a fold – where I got the collective concept built by Young Heritage Agents, presents the following wuote by Manuel de Barros: "There are stories so true that, sometimes, they seem invented."

18 BARROS, Manuel. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya. 2010. 341p.

19 It is the student Jaqueline de Oliveira Nascimento. I asked the professors coordinators of Young Heritage Agents Program permission to provide the student's full name with the purpose of meeting the requirement of the referee who evaluated this article.

20 http://www.baixadafacil.com.br/municipios/sambaqui-do-sao-bento-passara-por-obras-de-infraestrutura-2093.html. Acessed: June 22th 2016.

21 It is clear that this purchase has a symbolic character and indicates that the group of teachers called on the responsibility of preserving, conserving, and boosting this site; strictly speaking, any archaeological site, as determined by law, belongs to the Country.

22 BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única:* Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense. 1995. p.239.

23 ANDRADE, Carlos Drummond de. *Esquecer para lembrar* (Boi Tempo – III). Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. 178p.

24 ANDRADE. Mário de. *Os filhos da Candinha*. 2013. Editora Nova Fronteira.

25 *Magazine of National Historical and Artistic Heritage*. nº 31, 2005. Museus: antropofagia da memória e do patrimônio (org. Mario Chagas).

26 AGAMBEN, Giorgio. *A ideia da prosa*. Belo Horizonte: Autêntica. 2013. p.126.

27 See the Portuguese edition of text Document/Monument, by Jacques Le Goff, published in *Enciclopédia Einaudi*, by the National Press-The Mint, in 1984 (p.95-106).

28 NETO, João Cabral de Melo. *Museu de Tudo e depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p.97.

29 AGAMBEN, Giorgio. *O amigo & O que é um dispositivo?* Chapecó: Argos. 2014. 71p.

30 GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário. (orgs.) *Memória e Patrimônio:* ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.p.21-29.

31 D´AMBRÓSIO, Ubiratan. *Da Realidade à Ação:* reflexões sobre educação (e) matemática. São Paulo: Summus Editorial, 1986. p.53.
32 AGAMBEN, Giorgio. *O amigo & O que é um dispositivo?* Chapecó: Argos, 2014. p.55.
33 ARAÚJO, Ulisses F. *O sentimento de vergonha como regulador moral.* São Paulo: USP. 1998.
34 AGAMBEN, Giorgio. *A ideia da prosa.* Belo Horizonte: Autêntica. 2013.
35 BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade:* a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.p.9.
36 Idem. p.10.
37 See http://www.baixadafacil.com.br/municipios/sambaqui-do-sao-bento-passara-por-obras-de-infraestrutura-2093.html. Acessed: June 22th 2016.